

HISTORIOGRAFIA DE SAUSSURE: O CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL

Recebido em 20/04/2008

Aceito em 24/04/2009

Sebastião Elias MILANI*

Resumo: Saussure nasceu em Genebra, numa família de estudiosos da Física. Aos 14 anos, foi estudar Gramática Comparada na Alemanha, especificamente em Leipzig, onde fez o mestrado e o doutorado, respectivamente as obras o *Mémoire* e o *Du Genitif*, com os quais ganhou notoriedade entre os indo-europeístas e os indo-germanistas. Logo após terminar o doutorado, foi para Paris ensinar sânscrito. Terminou sua carreira em Genebra, ensinando o Curso de lingüística geral e produzindo estudos de literatura clássica, conhecidos como *Os anagramas*. Historiograficamente, ele pode conhecer os resultados da Gramática Comparada e da Neogramática. Viveu numa sociedade já muito dominada pelo consumo e a linha de produção e, impulsionado pelo avanço das ciências humanas e as necessidades sociais geradas pela vida nas cidades, produziu uma teoria para língua, como sendo ela uma estrutura representativa da sociedade. Nessa estrutura, o indivíduo só é responsável pela sua fala e a relação dele com a sociedade não é a de dominante, mas a de dominado.

Palavras-chave: Século XIX; Lingüística geral; Língua; Indivíduo; Sociedade.

Introdução

Ferdinand de Saussure nasceu em Genebra, Suíça, em 1857, onde morreu em 1913. Morou e ensinou em Paris, mas terminou sua carreira em Genebra. Erros monumentais são cometidos sobre a vida e a obra desse estudioso do indo-europeu, do sânscrito e da cultura greco-latina. Quando parou com os estudos de física, aos quatorze anos, para estudar linguagem, Saussure largaria a tradição familiar e adotaria a tradição historicista do século XIX, largou a física pelo indo-europeu. Mudou-se para Leipzig, o grande centro de estudos de linguagem no século XIX, terminando o mestrado e o doutorado muito jovem, trabalhos que lhe valeram fama internacional. No mestrado estudara a vogais do indo-europeu e no doutorado o genitivo absoluto do sânscrito.

* Doutor, Adjunto III da Faculdade de Letras – Universidade Federal de Goiás (UFG).
sebas@letras.ufg.br

O *Mémoire*, como é conhecido seu mestrado, finda uma longa seqüência de estudos sobre as vogais do indo-europeu, Saussure seria o último indo-europeísta importante. Como se mostra abaixo neste trabalho, juntou todas as hipóteses até então formuladas sobre o assunto vogais do indo-europeu e sintetizou uma hipótese sua, a qual parece ter resolvido finalmente a questão. De a mesma forma que todos os estudiosos da linguagem do século XIX, Saussure também estudaria o sânscrito, do qual seria professor por toda vida. Entre os humanistas do século XIX, o conhecimento do indo-europeu e do sânscrito sempre esteve completamente ligado. Foi justamente por causa da “descoberta do sânscrito”, em 1789 por Willian Jones, que Franz Bopp formularia a hipótese do indo-europeu em 1816. No doutorado, Saussure estudaria o genitivo absoluto em sânscrito, com a mesma metodologia de pesquisa peculiar a seu trabalho: levantamento de todas as teses e hipóteses já formuladas e, a partir desse conhecimento, realizando uma síntese perfeita e final sobre o assunto.

Não seria diferente sua atitude científica, quando, depois de quase trinta anos como professor de sânscrito e filologia românica, em Paris primeiramente, depois em Genebra, assumiria o curso de lingüística geral do curso de Letras da Faculdade de Genebra. Deferente de seus trabalhos do mestrado e doutorado, Saussure não publicou seus estudos sobre lingüística geral, ou porque não quis, como se tem registrado em Genebra em cartas: respostas a provocações para que publicasse o curso, ou porque morreu muito jovem. Assim, não se pode conhecer com exatidão suas fontes para as aulas, somente algumas: Whitney, Humboldt, Bopp, Brugmann, etc., que aparecem nas anotações de seus alunos, aquelas transformadas no livro *Curso de Lingüística Geral*. Certo é que Saussure havia lido todos os trabalhos publicados sobre linguagem, seu comportamento científico aponta para isso.

Dessa perspectiva, evidentemente, Saussure quando se propõe a oferecer o curso de Lingüística Geral do verão de 1907, fez uma retomada de tudo que havia lido sobre linguagem em toda sua vida. A estrutura do livro CLG demonstra sua preocupação em retomar o conhecimento existente, começando o curso com um apanhado histórico, mesmo que mínimo, das ciências dos estudos da linguagem. Evidentemente, o CLG que se conhece, é obra dos alunos e não de Saussure, porém, seria injusto dizer que Bally e Sechehaye não foram fiéis ao mestre. Em síntese, não há outra discussão a ser feita a não ser aquela relacionada ao conteúdo veiculado pelo CLG; por mais que se diga ou refaça, nenhuma outra obra poderá substituí-la.

Ferdinand de Saussure, nas aulas de Lingüística Geral, tratou o estudo da linguagem não como um projeto de pesquisa, mas como pano de fundo de uma pesquisa, seu trabalho foi desenvolvido numa tentativa de encontrar a exata posição dos estudos da linguagem tanto social quanto formalmente ou metodologicamente. A Lingüística como tal não existia até Saussure: apenas estudos sobre a linguagem e sobre a língua – estudos que se misturavam entre si e com estudos direcionados para outras ciências.

Saussure começou por discutir até que ponto as ciências da linguagem até então conheciam seus objetos de estudo, em seguida passou a definições de um objeto de estudo para a Lingüística, porque assim acreditava estar definindo a própria Lingüística: como afirmou: *não pode existir ciência sem objeto de estudo*. Quanto aos conceitos língua, linguagem, fala, signo, etc., demonstrou que os encontrara prontos nos estudiosos que o antecederam. Seu curso, desse ponto de vista, consistiu em reorganizar os conceitos, tornando-os precisos, para que, desse modo, pudesse estabelecer com precisão o que era a Lingüística, qual deveria ser o papel dela na sociedade e a quais outras ciências ela estaria ligada.

O trabalho dele no curso foi desenvolver o interesse pela pesquisa lingüística e o estabelecimento de uma metodologia para isso: trocou os termos metalingüísticos usados para falar sobre a língua, daqueles encontrados em seus antecessores, carregados de significação descritiva, por termos independentes e com significação arbitrária. Quando se pensa sua obra por essa perspectiva, visivelmente se percebe sua insatisfação com o exercício da pesquisa sobre língua até então, criticou duramente seus antecessores, por desconhecimento do objeto de estudo, pela metodologia empregada, pela falta de precisão nos resultados. A nova terminologia, apresentada por Saussure, faz com que o estudioso consiga certo distanciamento do objeto, ou seja, transforma a língua em objeto, a ser manipulado e dissecado; a impressão é a de estar fora do objeto, olhando para ele, ao contrário da terminologia empregada por seus antecessores, que, de certa forma, tornava o pesquisador parte do objeto, refém dele, como se estudassem o objeto por dentro. Saussure transformou a língua num objeto, isso foi fundamental no CLG. Essa constatação fica fácil tanto no texto de Bally e Sechehaye, como no texto de Engler e nos manuscritos gerais de Genebra.

Saussure em seu tempo

O modo de trabalhar de Ferdinand de Saussure impressiona pela disposição física e mental e pela capacidade de acumular informações. Saussure é muito conhecido pelo resultado que obteve nos últimos anos de sua vida, quando era professor na Universidade de Genebra, na Suíça. Mas o trabalho lingüístico de Saussure começou muito antes do desenvolvimento dos conceitos registrados no livro *Cours de linguistique générale*, publicação de 1916 organizada por Bally e Sechehaye. Esse texto, que foi inspirado nas aulas dadas durante os anos de 1907, 1908, 1909, 1910 e 1911, é o resultado final do trabalho filológico que esse lingüista desenvolveu durante toda a sua vida intelectual.

Saussure era um leitor extraordinário, com uma disposição para o trabalho muito além do que se poderia chamar de dedicação: sua maneira de trabalhar era quase obsessiva, o que pode ser deduzido de sua morte prematura causada por doenças que atualmente são consideradas com fundamentação

no estresse: infecções generalizadas, inclusive nos olhos e no fígado devido ao consumo de ópio e de bebidas alcoólicas. A riqueza de detalhes e a profundidade das informações revelam que ele levou ao extremo da perfeição uma metodologia de trabalho, que, infelizmente, não deixou publicada enquanto metodologia, o que obriga aqueles que queiram entender seu método de estudo a fazer uso de conjecturas e deduções.

A obra de Saussure destaca-se por uma consciente perspectiva de implantar nos estudos lingüísticos um modelo metodológico que previsse uma organização absoluta e um objeto de estudo claro. Para ele, sem uma visão clara daquilo que devia ser estudado não poderia haver ciência, e sua dedicação aos estudos demonstra que foi essa a metodologia por ele praticada.

Nenhuma matéria é mais controversa; as opiniões estão divididas quase ao infinito, e os diferentes autores têm raramente feito uma aplicação perfeitamente rigorosa de suas idéias. A isso se junta o fato de que a questão do a está em conexão com uma série de problemas de fonética e de morfologia, alguns dos quais esperam ainda sua solução, muitos dos quais não foram nem mesmo propostos (SAUSSURE, 1922, p. 3).

É claro que Saussure encontrava em seu meio de estudos modelos metodológicos que o inspiravam a ser preciso e exato. Além de todos os estudos que precedem o seu na história da Lingüística, possuía em sua família vários cientistas, que certamente o orientaram nesse sentido. No entanto, é preciso pensar no momento histórico em que Saussure viveu. O período da segunda metade do século XIX foi quando a Europa e o mundo ocidental sofreram a mais profunda transformação do ponto de vista social: a explosão demográfica, a industrialização e, com ela, o crescimento das cidades, a mecanização dos transportes, etc. Fatores que motivaram e que obrigaram a humanidade a repensar a organização de tudo aquilo que estava à sua volta. Nessa reorganização, sempre de um ponto de vista prático, tudo era voltado para o bem-estar coletivo. Apesar de alguns cientistas modernos discordarem da influência da obra de Émilie Durkheim na obra de Saussure, não há como afastar da análise dos conceitos saussurianos semelhanças com o conceito de fato social da obra de Durkheim.¹

¹ Augustinus Staub, no livro *Hermann Paul, F. de Saussure e K. Bühler na lingüística moderna*, coloca em dúvida a influência de Durkheim em Saussure. Cita vários autores que afirmam a influência do sociólogo francês na obra de Saussure: Dinneen, Coseriu, Robins, Criper e Widdowson e Mattoso Câmara. Cita, também, muitos outros autores que negam essa influência: Meillet e Bröndal, Hörmann e K. Koerner. A mais contundente de todas essas negações parece ser a de Hörmann, psicolingüista alemão, segundo o qual a dicotomia 'langue – parole' foi desenvolvida por Saussure independentemente de Durkheim. Saussure fez inúmeras referências no *Curso à Sociologia*. E, definitivamente, só pode ser à Sociologia praticada por Durkheim.

Sendo hoje incontestável, porém, que a maior parte de nossas idéias e de nossas tendências não é elaborada por nós, mas nos vem de fora, elas só podem penetrar em nós impondo-se; eis tudo o que significa nossa definição. Sabe-se, aliás, que nem toda coerção social exclui necessariamente a personalidade individual (DURKHEIM, 1995 (a), p. 4).

Foi nessa perspectiva que Saussure desenvolveu seu trabalho científico. Ele buscava uma racionalização do modelo de estudo lingüístico como fórmula de tornar mais eficiente e útil aquilo que fazia. Seu trabalho foi fazer da ciência da linguagem uma ciência de uso prático para a coletividade. Assim, deve-se entender a divisão de seus conceitos como um reflexo da sociedade em que vivia.

Nenhum ser humano do período poderia dizer que conhecia todos os elementos que compunham aquela sociedade. É certo que isso não era possível nem mesmo nas organizações medievais, que eram comparativamente muito simples. Mas a sociedade durante o século XIX ganhou um desenvolvimento tão grande em todos os sentidos, principalmente no modo de aglomeração e organização dos grupos, que todo tipo de relacionamento entre os indivíduos e com o mundo foi modificado. A organização urbana tornou a vida do grupo infinitamente mais complexa. Além disso, o contato muito mais freqüente entre as pessoas tornava os relacionamentos muito mais complexos, e um só indivíduo deixou de ser tão importante, não importando sua posição social. Assim, em meios sociais dessa natureza, todos os indivíduos são insignificantes em contraposição à sociedade.

Nessa relação entre indivíduo e sociedade está a explicação para a sistematização lingüística de Saussure. A linguagem é uma capacidade inata. A língua é uma instituição coletiva, na qual a fala está incluída como a materialização da eficiência da língua. A língua reflete a sistematização cultural da sociedade e a fala é a atuação lingüística do indivíduo - ou seja, a língua é coletiva, e a fala é individual. Se essa divisão for transportada para a organização social urbana do final do século, o que se mostra é a coletividade (Estado, Nação, Cidade) com suas necessidades impondo-se nas resoluções dos problemas. O indivíduo era tão somente parte dessa coletividade, para quem se deve olhar quando se quiser saber se a sociedade era ou não eficiente.

A obra e a sociedade

Para entender a razão dos fatos da obra de Ferdinand de Saussure é preciso ter em mente os elementos que compunham a sociedade em que viveu. A Europa apresentou um rápido desenvolvimento, sob todos os aspectos, durante o século XIX. Esse desenvolvimento modificou de tal forma os aspectos da vida humana e natural que tudo o que se referia à sobrevivência do ser humano e da natureza apresentava aspectos completamente diferentes do início do século.

A grande responsável por essas mudanças foi, sem dúvida, a ciência, não só como fato que compunha a sociedade, mas ela saiu do século XVIII como ocupação de “malucos”, como bem demonstra Robert Darnton em *O lado oculto da Revolução*, e, paulatinamente, chegou a orientar os rumos da humanidade no final do século.

Foi a ciência que arrancou a sociedade da clausura da ignorância e fez dela um exemplo para o indivíduo. Dessa forma, a ação da ciência no século XIX mudou completamente a perspectiva do papel social do cientista. Mudou também completamente a perspectiva do papel do indivíduo e cidadão, porque modificou os parâmetros da relação entre indivíduo e sociedade. É preciso não perder de vista que Saussure é, por assim dizer, o resultado final da evolução de um campo científico.

A partir da segunda metade do século XIX, o efeito da ciência na sociedade pode ser medido pela evolução dos transportes, da indústria e, como conseqüência, das cidades. Assim, no início do século, a relação entre o indivíduo e a sociedade era de, finalmente, conquistar um espaço moral e político. No final do século, a situação é outra, a sociedade já deixou de ser predominantemente rural e as cidades geravam os recursos e ditavam as regras da convivência e da sobrevivência.

No final do século, portanto, a coletividade predominava e detinha todo o poder. Ela detinha os recursos, principalmente o conhecimento. Desse modo, cabia ao indivíduo integrar-se com os outros indivíduos para formar parceria. Enfim, cabia ao indivíduo obrigatoriamente integrar-se na coletividade, sem ela, ele não poderia sobreviver.

Dessa forma, a ação do indivíduo perante a sociedade não era a de dominante, mas de dominado. A coletividade predominava em todos os aspectos, na medida em que precisava proteger o grupo e não um só indivíduo. Essa sociedade foi o espaço em que a história de Ferdinand de Saussure se desenvolveu. Assim, numa comparação simples e direta, nos seus conceitos, a língua tem uma posição superior e predominante, ela representa a sociedade e o sistema, e a fala representa o indivíduo e sua ação.

Pode-se descrever o conceito de língua em Saussure, conforme citação abaixo, como uma instituição coletiva que está distribuída para todos os falantes. Ela é um todo, distribuída inteira para cada um de seus falantes. A língua representa a coletividade, ela é, enquanto fórmula, a própria coletividade, e o indivíduo é parte integrada nela, do mesmo modo que é uma parte da sociedade. O indivíduo, dessa forma, é responsável somente por sua ação, tanto no tocante à sua vida em sociedade, quanto à materialização da língua em sua fala. Logo, lingüisticamente, o indivíduo é responsável somente por sua fala. O indivíduo se integra à língua quando usa a fala, e só está integrado ao contexto lingüístico da sociedade em que vive quando tiver aprendido a língua dessa sociedade, como está na citação abaixo.

Entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-

á uma espécie de meio-termo; todos reproduzirão - não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente - os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos. / Qual a origem dessa cristalização social? Qual das partes de circuito pode estar em causa? Pois é bem provável que todos não tomem parte nela de igual modo. A parte física pode ser posta de lado desde logo. Quando ouvimos falar uma língua que desconhecemos, percebemos bem os sons, mas devido à nossa incompreensão, ficamos alheios ao fato social. A parte psíquica não entra tampouco totalmente em jogo: o lado executivo fica de fora, pois a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos fala (*parole*). Pelo funcionamento das faculdades receptiva e coordenativa, nos indivíduos falantes, é que se formam as marcas que chegam a ser sensivelmente as mesmas em todos. De que maneira se deve representar esse produto social para que a língua apareça perfeitamente desembaraçada do restante? Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental. A língua não constitui, pois função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação (...). A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações (SAUSSURE, 1995, pp. 21-22).

A ação do indivíduo na língua é limitada, porque a fala não é predominante. Mas a língua não existe sem a fala, como a sociedade não existe sem o indivíduo. Desse modo, o indivíduo pode agir na língua de sua coletividade com contribuições de sua fala. Ele, no entanto, só contribuirá para a língua naquilo que os outros membros de sua coletividade, ou a própria sociedade, aceitarem e incorporarem de seu estilo.

A língua, objeto único dos estudos lingüísticos, é o produto social da capacidade de linguagem humana. Isso significa que a língua é uma forma concretizada da capacidade que caracteriza os seres humanos, que é a linguagem. A língua é formada no interior da coletividade como forma estabelecida e aceita por seus participantes. O acordo lingüístico entre os indivíduos é produzido pela necessidade de comunicação que caracteriza qualquer ser humano. Para Saussure, língua e linguagem são uma mesma coisa, uma é a generalização da outra. A língua é só uma parte da linguagem.

Para que haja a comunicação entre os indivíduos, devem existir

parâmetros que os tornem assemelhados em alguns aspectos. O processo de convencionalização dos espaços físicos e intelectuais em forma de signos permite que os indivíduos se relacionem com esse mundo material de uma maneira igual ou pelo menos muito parecida entre todos os participantes da mesma sociedade. Essas convenções significativas estão sempre categorizadas por características que são próprias daquela sociedade e daquela língua, já que sociedade e língua são instituições que se espelham.

A língua como instituição coletiva é igual para qualquer um dos participantes de seu universo de criações significativas. É um todo distribuído inteiro para cada um de seus falantes; cada fração, que é cada indivíduo, interioriza a língua inteira, porque todos possuem os mesmos elementos característicos da língua, que se concretizam em formas culturais e convencionadas de antemão. No entanto, cada indivíduo é responsável pela qualidade da língua que movimenta, ou seja, a fala é de inteira responsabilidade dos indivíduos.

Mas os conceitos lingüísticos de Saussure surgiram de leituras que ele fez em outros estudiosos. Sua contribuição mais significativa para a Lingüística não está em suas dicotomias ou na descrição precisa que fez das vogais do indo-europeu. É muito mais significativa que isso a própria definição da Lingüística enquanto ciência que Saussure elaborou. Ele tornou a Lingüística uma ciência com parâmetros exatos. É preciso dizer que ela já existia, mas estava misturada a outras ciências, confundida com elas. Saussure explicou que isso acontecia porque o objeto de estudo dessas ciências, sobretudo a Psicologia e a Sociologia, alcançava os elementos da linguagem, mais especificamente a língua, que é o objeto único da Lingüística.

Como se evidencia na citação abaixo, seria tarefa da Lingüística, antes de tudo, conhecer a si mesma. Essa afirmação faz referência ao modo de Saussure pensar o conceito de ciência: uma metodologia clara, voltada para um campo de estudo completamente definido. Essa certamente foi a maior das lições de trabalho de Saussure para seus discípulos, pois significava quais eram as atitudes científicas que deveriam assumir.

Dessarte (...) em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da lingüística. Sempre encontramos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas acima, ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Lingüística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. Quando se procede assim, abre-se a porta a várias ciências — Psicologia, Antropologia, Gramática normativa, Filologia etc. —, que separamos claramente da Lingüística, mas que, por culpa de um método incorreto, poderiam reivindicar a linguagem como um de seus objetos. Há, segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades: é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem. De fato, entre tantas

dualidades, somente a língua parece suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito (SAUSSURE, *op. cit.*, pp. 16-17).

Para essa empreitada, a de conhecer os elementos exatos da lingüística geral, a ciência Lingüística deveria estudar e conhecer descritiva e historicamente todas as línguas. Está escrito no texto de Bally e Sechehaye que a ciência Lingüística deveria estudar a história de todas as famílias de línguas. Saussure propõe que é pela comparação que se chegaria ao esclarecimento das regras que entram em movimento em cada uma das línguas em particular. Esse vislumbre mostraria o que seria comum a todas as línguas e o que caracteriza uma e outra. Evidentemente, assim seria construída uma lógica para as línguas e uma lógica para a língua; cada língua seria encontrada e caracterizada num espaço tipológico determinado e específico. No decorrer de seu curso, Saussure concretiza essa teoria, distinguindo nitidamente uma gramática das línguas e a compreensão de que cada língua é um caso particular.

Saussure propôs a Lingüística como o estudo da língua, porque ela é passível de uma definição concreta. Mas a definição de língua esbarra em diversas dificuldades que implicariam numa diferenciação de pontos de vista, tornando o objeto de estudo em questão uma série de possibilidades de estudo. Para ter a língua como objeto de estudo, era preciso separar com precisão o objeto que cabia ao lingüista compreender, sem misturá-lo com visões psicológicas, filosóficas, sociológicas, etc. ³/₄ porque essas ciências, apesar de terem objetos de estudo distintos, também poderiam reivindicar a língua como parte de seus objetos de estudo.

Tanto a Psicologia como a Sociologia influenciaram os estudos de Saussure. Ambas eram nascentes, compunham o mesmo movimento de desenvolvimento das ciências que caracterizou o final do século XIX, no qual também a Lingüística alcançou sua definição mais precisa. Sobretudo a Sociologia, amadurecida por Émile Durkheim, influenciou os conceitos lingüísticos desenvolvidos por Saussure. Como é perceptível na citação a seguir pela comparação entre língua e linguagem, não é difícil encontrar uma forte relação entre a definição de fato social em Durkheim e de língua em Saussure.

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para admitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, *op. cit.*, p. 17).

É importante notar que a Lingüística foi definitivamente definida por Saussure, não por acaso. Além de todos os estudos lingüísticos que o precederam, de natureza metodológica muito variada, no final do século XIX respirava-se e transpirava-se a cientificidade. Essa onda social de reorganização do mundo através do exercício e da reflexão científica criou um movimento que atingiu tudo no mundo. Esse movimento de tão intenso ficou conhecido como Cientificismo.

Então, Saussure parece ter verdadeira obsessão por ver aplicada aos estudos lingüísticos uma metodologia clara, não por ser mais interessado que os outros, mas por conviver de modo direto e conhecer claramente o movimento, que atingia a todos, de aperfeiçoamento do modelo científico existente. Saussure retomou o tema da definição do objeto de estudo e da metodologia aplicável à Lingüística, e nisso foi brilhante, identificando com precisão qual o objeto de estudo da Lingüística e qual a melhor forma de estudá-lo.

Saussure afirmou que em seu tempo não havia mais espaço na ciência para especulações transcendentais. O Transcendentalismo foi um movimento que dominou a poesia na Alemanha no século XIX. Dessa constatação pode-se inferir que Saussure estava se referindo aos estudos sobre a linguagem desenvolvidos, sobretudo em Leipzig, pela Gramática Comparada e a Neogramática. São as escolas literárias e científicas idealistas derivadas da filosofia crítica de Immanuel Kant (1724-1804), desenvolvidas na Alemanha e, mais amplamente, na Europa, bem como a escola transcendental norte-americana, da qual Whitney fez parte.

Saussure estava fazendo uma crítica a seus antecessores, não só quanto às suas divagações e até fantasias sobre a linguagem, mas principalmente quanto à metodologia que aplicavam em seus estudos. Essa crítica é bastante evidente no *Mémoire sur le système primitif des voyelles des langues indo-européennes* — mas também aparece no *De l'emploi du Génitif absolu en sanscrit* e no *Curso de lingüística geral* —, nos quais ele levantou dados sobre os estudos das vogais do indo-europeu, do genitivo absoluto em sânscrito, feitos pelos comparatistas, e criticou esses estudiosos pela forma de apresentar dados e, sobretudo, pela falta de precisão.

Um primeiro impulso foi dado pelo norte-americano Whitney, autor de *A Vida da Linguagem* (1875). Logo após se formou uma nova escola, a dos neogramáticos (Junggrammatiker) cujos fundadores eram todos alemães: K. Brugmann, H. Osthoff, os germanistas W. Braune, E. Sievers, H. Paul, o eslavista Leskien etc. Seu mérito consistiu em colocar em perspectiva histórica todos os resultados da comparação e por ela encadear os fatos em sua ordem natural. Graças aos neogramáticos, não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos lingüísticos. Ao mesmo tempo, compreende-se quão errôneas e insuficientes eram as idéias da Filologia e da Gramática Comparada. Entretanto, por grandes que sejam os serviços prestados por essa escola, não se pode dizer que tenha esclarecido a totalidade da

questão, e, ainda hoje, os problemas fundamentais da Lingüística Geral aguardam uma solução (SAUSSURE, 1995, pp. 11-12).

No *Curso de lingüística geral*, ele fez um pequeno resumo crítico de todas as correntes de estudos da linguagem desde a era clássica. Seu objetivo era demonstrar que nenhuma dessas correntes dos estudos dos fatos da língua tinha trabalhado com o objeto verdadeiro e único dos estudos lingüísticos, que Saussure definiria como sendo a língua. Ele estabeleceu uma seqüência de três fases sucessivas desses estudos sobre a linguagem.

Começou-se por fazer o que se chamava de Gramática. Esse estudo, inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses, é baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito. A seguir, apareceu a Filologia. Já em Alexandria havia uma escola filológica, mas esse termo se vinculou sobretudo ao movimento criado por Friedrich August Wolf a partir de 1777 e que prossegue até nossos dias. A língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições, etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda questões lingüísticas, fá-lo sobretudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura. Sem dúvida, essas pesquisas prepararam a Lingüística histórica: os trabalhos de Ritschl acerca de Plauto podem ser chamados lingüísticos; mas nesse domínio a crítica filológica é falha num particular: apega-se muito servilmente à língua escrita e esquece a língua falada; aliás, a antigüidade grega e latina a absorve quase completamente. O terceiro período começou quando se descobriu que as línguas podiam ser comparadas entre si. Tal foi a origem da Filologia comparativa ou da "Gramática Comparada". Em 1816, numa obra intitulada Sistema da conjugação do Sânscrito, Franz Bopp estudou as relações que unem o sânscrito ao germânico, ao grego, ao latim, etc. Bopp não era o primeiro a assinalar tais afinidades e a admitir que todas essas línguas pertencem a uma única família; isso tinha sido feito antes dele, notadamente pelo orientalista inglês W. Jones; algumas afirmações isoladas, porém, não provam que em 1816 já houvessem sido compreendidas, de modo geral, a significação e a importância dessa verdade. Bopp não tem, pois, o mérito da descoberta de que o sânscrito é parente de certos idiomas da Europa e da Ásia, mas foi ele quem compreendeu que as relações entre línguas afins podiam tornar-se matéria duma ciência autônoma. Esclarecer uma língua por meio de outra, explicar as formas duma pelas formas de outra, eis o que não fora ainda feito. (...) Por fim, entre os últimos representantes dessa escola, merecem citação particular Max Müller, Georges Curtius e August Schleicher. Os três, de modos diferentes, fizeram muito pelos estudos comparativos. Max Müller

os popularizou com suas brilhantes conferências (Lições Sobre a Ciência da Linguagem, 1816, em inglês); não pecou, porém, pelo excesso de consciência. Curtius, filólogo notável, conhecido sobretudo por seus Princípios de Etimologia Grega (1879), foi um dos primeiros a reconciliar a Gramática Comparada com a Filologia clássica. Esta acompanhara com desconfiança os progressos da nova ciência e tal desconfiança se tinha tornado recíproca. Schleicher, enfim, foi o primeiro a tentar codificar os resultados das pesquisas parciais. Seu Breviário de Gramática Comparada das Línguas Indo-Germânicas (1816) é uma espécie de sistematização da ciência fundada por Bopp. Esse livro, que durante longo tempo prestou grandes serviços, evoca melhor que qualquer outro a fisionomia dessa escola comparatista que constitui o primeiro período da Lingüística indo-européia. (...) A lingüística propriamente dita, que deu à comparação o lugar que exatamente lhe cabe, nasceu do estudo da línguas germânicas. Os estudos românicos inaugurados por Diez — sua Gramática das Línguas Românicas data de 1836-1838 —, contribuíram particularmente para aproximar a Lingüística do seu verdadeiro objeto. (SAUSSURE, *op. cit.*, pp. 6-11, *passim*).

Quanto a Whitney, sua principal fonte de pesquisa no tocante à teoria da linguagem, Saussure não aceitava sua base metodológica: acusou-o de empírico demais. Escreveu sobre Whitney, de quem disse que teria percebido desde o primeiro instante de atividade científica, e bem antes que qualquer escola sonhasse em se apoderar desse achado: a língua como concreta e instituição social; disse também ser admirável que Whitney não tivesse nem mesmo imaginado que o estudo da linguagem pudesse prosseguir sobre uma base diferente da observação dos fatos atuais. Ou seja, na opinião de Saussure, Whitney era empírico demais, mas disse também que algum empirismo sempre existirá na Lingüística, que não pode abrir mão de testar no falante suas hipóteses.

De qualquer forma, o que se pode dizer com segurança é que Saussure tinha uma visão muito firme quanto à necessidade de empregar uma metodologia clara, bem como de certificar que os dados apresentados fossem extremamente corretos. Estava consciente do momento crucial para a construção do verdadeiro campo de estudo para a Lingüística. Buscava acima de tudo encontrar os diversos caminhos que aquela ciência teria para percorrer daquele instante em diante para realizar em definitivo a compreensão do que seria verdadeiramente a língua. Ele estava criando o universo de estudos lingüísticos, não no sentido de que ele nunca tivesse existido, mas no sentido de convidar a ser exato, a não ser mais apenas empírico: acima de tudo, a construir um processo de estudo que fosse tão concreto quanto era o objeto a ser estudado. Portanto, é mais realista dizer que Saussure se preocupou mais com o processo de construção do objeto do que com o objeto em si mesmo — ou seja: os conceitos sobre a língua e a linguagem estavam todos perfeitamente descritos nos estudiosos que o precederam, mas nenhum tinha sido capaz de engendrar nesses conceitos, com clareza, o modo como chegar à prova concreta.

Saussure queria acima de tudo a visão da ciência Lingüística, e só depois a análise de seu objeto, que é a língua: o *Curso* trata da Lingüística propriamente dita, e não da língua e da linguagem.

Essa forma de pensar pode ser explicada pelo movimento de cientificidade que dominava a sociedade, mas o Cientificismo era só mais um detalhe dentre os que compuseram o universo social do final do século XIX. Toda a sociedade desse período estava plena de detalhes que arrastavam o pensamento e os sentimentos dos indivíduos para uma racionalidade profunda sobre todas as coisas.

A literatura, a partir da década de 1830, já demonstrava que o mundo caminhava para uma organização social em que não se poderia viver de sonhos e fantasias. Ela passou a ser “realista”, quando o universo social descrito é criticado por sua hipocrisia e por sua falta de eficiência profissional, moral, etc. “Naturalista”, quando as sociedades já muito urbanizadas, ganharam a literatura com seu excesso de gente, sua podridão, sua feiúra, etc.; nessa literatura o mundo parece feder, e o ser humano parece um bicho irracional, quase um verme misturado aos restos da própria comida. “Simbolista”, quando a fórmula de representar o todo através de uma parte tornou-se uma necessidade e um hábito; essa literatura inspirava-se no modelo social de vida e costumes; os sentimentos e as inspirações humanas tinham deixado de ser importantes, a sociedade media tudo através de números e fórmulas. O Simbolismo reagiu e deu início numa literatura de vanguarda — o hábito de estudar que se fundamentava no crescimento do papel da ciência no meio social, também chegava à arte.

Conclusão

Não é difícil concluir que Saussure, quando apresentou a dicotomia língua e fala, e deu ao indivíduo o poder da ação e do movimento lingüístico, de certa forma recuperou o papel do indivíduo no contexto social em termos de estudos lingüísticos. Em Saussure, o indivíduo tem seu papel assegurado, é parte da sociedade. Mesmo sendo a mais frágil, é atuante e mantém a língua viva. Saussure, como seus contemporâneos das artes, fez uma volta aos ideários antropocêntricos do Romantismo.

Saussure estudou a língua, ou melhor, a estrutura lingüística em si mesma. Quis em todos os seus estudos de teoria lingüística e também nos “anagramas”, estabelecer a lógica dessa estrutura. Estudou a língua em sua fórmula pura. Nos “anagramas” fez, quase que na totalidade desses estudos, uma metalinguagem da forma poética ou da forma da *parole*, procurava a organização lingüística do pensamento humano.

1911 é ponto final de sua carreira; apesar de os cinqüenta e quatro anos apenas, Ferdinand de Saussure estava muito doente dos olhos (praticamente cego) e profundamente debilitado por causa do ópio e da bebida. Sua carreira teve três momentos específicos: o período de estudante, época

que produziu o *Mémoire* e *Du Génitif*; um longo período como professor de sânscrito e filologia, primeiro em Paris e depois em Genebra, que corresponde à produção dos *Anagramas*; e um terceiro período, paralelo ao segundo, que vai de 1907 a 1911, quando ensinou também lingüística geral. Ficou famoso logo no início da carreira com o *Mémoire* e depois se dedicou a ensinar.

Saussure é chamado de *o pai da Lingüística moderna* porque deixou claro o modelo teórico que devia ser praticado nos estudos sobre a língua. Seu trabalho, tanto como filólogo comparatista e neogramático do indo-europeu quanto como lingüista geral e nos *Anagramas*, deve ser medido por sua necessidade de ser exato. Dessa forma, toda sua obra prima pela exaustiva pesquisa bibliográfica, pela exaustiva demonstração concreta em exemplos e modelos simbólicos e por uma procura constante pelo detalhe que faltava. Sua obra alcançou notoriedade por aquilo que ele não deixou escrito, suas últimas aulas. É quase incrível quando se pensa os detalhes do surgimento do livro CLG: fruto de todas as reflexões sobre linguagem que ele havia assimilado e exercitado durante toda sua vida. Não devemos desconsiderar sua genialidade, provada ainda na primeira juventude com o *Mémoire* e *Du Génitif*, e o acúmulo de informações de uma vida inteira, por isso o grande valor contudístico das aulas do Curso. Esse conjunto e mais sua morte precoce levariam seus alunos a propor a publicação de suas aulas.

Muitos são os questionamentos quanto à fidelidade ou à precisão do CLG aos pensamentos de Saussure. A obra CLG é especial porque revelou o pensamento sobre pesquisa e metodologia, língua e linguagem, exercitado por Saussure. A fidelidade enunciativa a esse pensamento certamente ficará desconhecida. Duas idéias precisam ficar destas últimas reflexões: primeira, ninguém que vier a ler os manuscritos existentes em Genebra vai encontrar distanciamento entre os textos ali arquivados e o CLG e, segunda, o CLG é um fato e não há como desconstruir sua contribuição às ciências.

A metodologia apresentada no *Curso de Lingüística Geral* reorganizou os estudos das ciências da linguagem; e o livro CLG mudou a perspectiva do mundo olhar o objeto de estudo da *Lingüística*. As obras antecedentes tentavam entender o objeto se integrando nele, para observá-lo por dentro. Nela, entretanto, criam-se nomes arbitrários para os fenômenos da língua: estuda-a tal qual um objeto manuseável e a observa como um espectador. O CLG transforma metodologicamente o universo dos estudos sobre a linguagem, porque estudou um objeto definido, dividindo todo o conteúdo a ser estudado em vários objetos e se aplica em um; com isso, abriu caminho para muitas subdivisões desse conteúdo e, por isso, criou um novo modo científico de ver o objeto e reprogramou o conhecimento existente.

Assim, o universo científico de Saussure estava composto por uma evidente necessidade de ser prático e de responder às dificuldades da sociedade. Acima de tudo, a ciência tinha desenvolvido a tecnologia, que tinha colocado a indústria como a principal fonte econômica das sociedades e que fez os transportes eficientes e velozes. Por outro lado, a indústria fez crescer as

idades, porque precisava de mão-de-obra, e as cidades são sociedades complexas, em que os indivíduos são apenas peças: as cidades passam a ser o modelo de sociedade.

Desse modo, Saussure, que tinha toda a tradição de estudos sobre a linguagem do século XIX a sua disposição, não poderia ver o desenvolvimento da língua e da fala de outro modo: a língua representa a sociedade, que é predominante e superior, e a fala representa o indivíduo, ativo e diminuto. O indivíduo faz a modificação da sociedade e da língua, mas é obrigado a seguir os rumos da sociedade e a se valer das imposições culturais da língua. Apesar de poder se rebelar, para não ser excluído deve seguir as regras do convívio social. No tocante à língua, ele não tem saída: pode usá-la de um modo estilizado, mas, se não seguir suas regras, não será compreendido.

Historiograficamente todos os homens são a expressão da formação que um tempo e um lugar deram para ele. Saussure em sua obra é a enunciação de seu tempo. Ele junta aos seus conceitos as preocupações e fatos sociais e científicos que atingiam a todos. Saussure conviveu com as mudanças políticas e sociais da segunda metade do século XIX: crescimento das cidades, mudança na forma de subsistência, produção industrial em larga escala e incentivo do comércio e do consumo, intensificação do desenvolvimento das ciências, etc. Todos esses formadores, e mais as fontes neogramáticas que teve, todas elas também perpassadas por esses formadores, fizeram com que ele representasse em sua obra, especificado neste texto no conceito de língua, o poder superior da sociedade e a diminuição do indivíduo diante desse poder esmagador que se transformara a coletividade.

MILANI, S. E. "SAUSSURE'S HISTORIOGRAPHY: THE *COURSE IN GENERAL LINGUISTICS*".

Abstract: *Saussure was born in Geneva, in a Physics studious family. When he was 14 years old, he went to Germany to study Comparative Grammarian, specifically in Leipzig, where he defended his dissertation and thesis, respectively with the works Mémoire and the Du Genitif, for such works he became notorious among the Indo-Europeans and the Indo-Germanians. Soon after he concluded his doctorate, he went to Paris to teach Sanskrit. He finished his career in Geneva, teaching the Course in General Linguistics and making studies of classical literature, known as The anagrams. Historiographically, he could know the results of the Comparative Grammarian and Neogrammarian. He lived in a society, for long time, dominated by the consumption and the production line and, motivated by the advances in the human sciences and the social necessities caused because of life in the cities, he created a theory for language, as it was a representative structure of society. In this structure, the individual is only responsible for his speech and his relation with the society is not of dominant, but of dominated.*

Keywords: *Nineteenth Century; General Linguistics; Language; Individual; Society.*

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986, 3ª ed.

BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique française*. Paris: Presses Universitaires de France, s.d.

BENVENISTE, É. *Problèmes de linguistique générale I - II*. Paris: Gallimard, 1974.

BRIGGS, Asa (Org.). *Historia de las civilizaciones - El siglo XIX*. Madrid: Labor, 1989. Trad. de José M^a. Balil Giró.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales 1929-1989. A revolução francesa da historiografia*. São Paulo: EDUNESP, 1991. Trad. de Nilo Odália.

CHRISTIANSEN, Rupert. *Paris Babilônia: a capital francesa nos tempos da Comuna*. São Paulo: Record, 1994. Trad. de Valéria Rodrigues.

CONSTANTIN, É. Anotações manuscritas das aulas de Saussure. Genebra: Biblioteca Pública e Universitária, caixa Ms. Fr. 3972.

DARNTON, R. *Boemia literária e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Trad. de Luís Carlos Borges.

———. *O lado oculto da Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Trad. de Denise Bottmann.

DURKHEIM, É. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1995 (a). Trad. de Paulo Neves.

———. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1995 (b). Trad. de Eduardo Brandão.

GAUTIER, L. & GAUTIER, H. Anotações manuscritas das aulas de Saussure. Genebra: Biblioteca Pública e Universitária, caixa Ms. Fr. 3973.

GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève: Droz, 1969.

HUMBOLDT, Wilhelm Karl von. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Barcelona, Anthropos, 1990. Trad. y prólogo de Ana Agud.

KOERNER, E. F. K. *Ferdinand de Saussure: génesis y evolución de su pensamiento en el marco de la lingüística occidental*. Madrid: Gredos, 1982. Trad. de Graciela García Montaño.

MALMBERG, B. *Histoire de la linguistique de Sumer à Saussure*. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

SAUSSURE, F. de. *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit*. Genève, Jules-Guillaume Fick, 1881.

— *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Genève: Société Anonyme des Éditions Sonor, 1922.

— *Cours de linguistique générale*. Publié par Charles Bailly & Albert Sechehaye et avec la collaboration de Albert Riedlinger. Paris: Payot, 1931 [1^a ed. 1916].

— *Cours de linguistique générale. Édition critique par Rudolf Engler*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1968, tomo 1.

— *Cours de linguistique générale. Édition critique par Tullio de Mauro*. Paris: Payot, 1972.

— *Troisième Cours de linguistique générale, d'après le cahier d'Émile Constantin*. Edited and translated by Eisuke Komatsu & Roy Harris. Tokio: Pergamon, 1993.

— *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995 [1971], 18^a ed. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.

SCHLEICHER, August. *Les Langues de l'Europe moderne*. Paris, Garnier, 1852.

STAROBINSKI, J. *Les Mots sous les mots: les anagrammes de Ferdinand de Saussure*. Paris: Gallimard, 1971.

WHITNEY, W. D. *La Vie du langage*. Paris: Germer Baillière, 1880.

